

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

JONAS PAZA MACHADO

Projetos de vida na escola e na vida

As relações entre o novo ensino médio e o futuro dos estudantes

Porto Alegre

2023

Jonas Paza Machado

Projetos de vida na escola e na vida: as relações entre o novo ensino médio e o futuro dos
estudantes

Trabalho de conclusão de Curso de graduação em Ciências Sociais Apresentado ao Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais

Orientador: Dr. Alexandre Silva Virginio

Porto Alegre

28 de outubro de 2023

Resumo

Esse trabalho pretende tratar da temática da juventude e escolarização, buscando investigar dentro de uma perspectiva sociológica, a partir do ponto de vista dos discentes, em que medida a disciplina de projetos de vida no ensino médio, dialoga com o que seriam os seus possíveis projetos de vida para o futuro, em que medida esta disciplina os auxilia na problematização e construção de seus projetos. O trabalho tem por base, uma pesquisa de caráter qualitativo visando investigar as percepções de docentes e discentes quanto aos novos itinerários introduzidos no novo currículo implementado no ensino médio, especialmente a disciplina de Projetos de vida no ensino médio cujo o foco, em tese seria prepara o jovem para o futuro, identificando as percepções dos professores que lecionam a disciplina e os estudantes quanto as possíveis contribuições das experiências escolares para seus projetos de vida, as mudanças decorrentes da implementação do novo ensino médio e sobre tudo a disciplina de projetos de vida na escola.

Palavras chaves: “Projetos de vida”, “ensino médio”, “educação”. “juventude”

Abstract

This work intends to deal with the theme of youth and schooling, seeking to investigate within a sociological perspective, from the students' point of view, to what extent the discipline of life projects in high school dialogues with what would be their possible projects of life for the future, to what extent this discipline helps them in problematizing and building their projects. The work is based on a qualitative research aimed at investigating the perceptions of teachers and students regarding the new itineraries introduced in the new curriculum implemented in high school, especially the discipline of Life Projects in high school whose focus, in theory, would be to prepare the youth for the future, identifying the perceptions of the teachers who teach the discipline and the students regarding the possible contributions of school experiences to their life projects, the changes resulting from the implementation of the new high school and, above all, the discipline of life projects in school.

Keywords: “Life projects”, “high school”, “education”. “youth”

Resumen

Este trabajo pretende abordar el tema de la juventud y la escolarización, buscando indagar desde una perspectiva sociológica, desde el punto de vista de los estudiantes, en qué medida la asignatura de proyectos de vida en la enseñanza media dialoga con lo que serían sus posibles proyectos de vida para el futuro, en qué medida esta asignatura los ayuda en la problematización y construcción de sus proyectos. El trabajo se basa en una investigación cualitativa orientada a indagar las percepciones de docentes y estudiantes respecto a los nuevos itinerarios introducidos en el nuevo currículo implementado en la educación secundaria, en especial la asignatura de Proyectos de Vida en la educación secundaria cuyo enfoque, en teoría, sería preparar a los jóvenes para el futuro, identificar las percepciones de los docentes que imparten la asignatura y de los estudiantes respecto a los posibles aportes de las experiencias escolares a sus proyectos de vida, los cambios derivados de la implementación de la nueva educación secundaria y sobre todo la asignatura de proyectos de vida en la escuela.

Palabras clave: “Proyectos de vida”, “bachillerato”, “educación”.”juventud”

Sumário

1 – Introdução	6
1.1. Objetivos	6
1.1.2. Objetivos específicos:	6
1.2 Metodologia	7
2. O Novo Ensino Médio	10
2 Projetos de vida, juventudes e o direito à educação.	19
2.1 Projetos de vida: do que mesmo que estamos falando?	20
2.2 Os estudantes e escola (Juventudes)	22
2.3 A educação como um direito: Que escola queremos?	26
3 Como estudantes e professores percebem a disciplina “Projetos de vida”	29
4 A problemática do novo currículo para docentes e discentes.	36
5 Considerações Finais	40
6 Referências Bibliográficas	41
7 Anexo	44

1 – Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada em uma escola Estadual no município de Gravataí no Estado do Rio Grande do Sul, foi realizado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A abordagem se centra no âmbito das interações de docentes e discentes com a disciplina de Projetos de vida, no contexto da implementação do novo ensino médio, trazendo uma discussão a despeito da implementação recente do novo ensino médio e seus desdobramentos. O trabalho também contempla abordagens conceituais sobre Projetos de vida e a questão das juventudes e o direito à educação.

Foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo com estudantes e professores, com objetivo de identificar as percepções e interações de docentes e discentes frente às novas disciplinas implementadas no novo ensino médio. O foco de análise, se centra sobretudo na disciplina de Projetos de vida, com o propósito de analisar como os estudantes e professores do ensino médio interagiram com a disciplina de “Projetos de vida” disposta no currículo do novo ensino médio?

1.1. Objetivos

1.1.1. Objetivo Geral: Analisar a relação da disciplina de Projetos de Vida do Novo Ensino Médio com a experiência discente, notadamente no que respeita a seus planos de futuro.

1.1.2. Objetivos específicos:

1.1.2

1.

Identificar e analisar as percepções dos estudantes e professores acerca da relação entre a disciplina projetos de vida e os projetos dos jovens.

2. Caracterizar os efeitos causados pela inserção de novos itinerários Formativos implementados a partir do novo ensino médio.
3. Analisar como alunos e professores tem se adaptado ao novo currículo do ensino médio, composto por novos itinerários formativos,
4. Verificar em que medida a perspectiva interdisciplinar está contemplada dentro da disciplina projetos de vida.
5. Descrever o cotidiano das aulas da disciplina projetos de vida.

1.2 Metodologia

Em termos metodológicos os estudos sobre juventudes e projetos de vida, em geral primam por um caráter mais qualitativo. Nesta pesquisa eu me utilizei de entrevistas semi-estruturadas que foram gravadas e transcritas com auxílio do software Nvivo. Desta forma, fez-se a transcrição e codificação das respostas, às separando por categorias em relação a percepção dos estudantes e professores sobre a disciplina Projetos de vida, bem como aos demais itinerários formativos. Em paralelo, foi aplicado um questionário, específico para os alunos, utilizando-se o *Google Forms*.

A pesquisa foi realizada no município de Gravataí, Rio Grande do Sul, em uma escola Estadual que por questões de sigilo não revelarei o nome, A escola foi criada em 22/10/1922 e conta hoje com Ensinos Fundamental e Médio, e Curso Técnico em Administração. A sua localização é em área privilegiada, no centro da cidade, junto ao polo comercial e próximo ao Distrito Industrial do município, oferece absorção aos egressos do curso. Considera-se também que esta unidade de ensino é a escola pública existente mais antiga de Gravataí, com quase um século de uma qualificada história educacional.

Atualmente o Colégio ocupa uma área de 4493m² e possui aproximadamente 1.500 alunos. A escola oferece ensino fundamental, médio e ensino técnico integrado, tendo o curso

Técnico em administração com prioridade para os próprios alunos da escola ao término da 3ª série do ensino médio. A escola contém uma Biblioteca, Laboratório de Ciências, Laboratório de Informática, Sala de recursos Multimídia. O projeto político pedagógico da escola, atualmente encontra-se em fase de construção.

No âmbito da realização da pesquisa, me deparei com uma série de imprevistos e dificuldades para levá-la a cabo, eu havia entrado em contato com a escola no final do mês de junho, ao primeiro dia que fui a escola, o diretor responsável não estava presente, de modo que retornei um dia após para apresentar o documento da Universidade e explicar do que se tratava o trabalho. Eu escolhi a escola porque acreditei que teria maior facilidade de acesso pelo fato de eu mesmo ter cursado o ensino médio nela.

O diretor da escola, embora já não fosse o mesmo da época em que eu ainda era aluno da escola, me recebeu cordialmente e me autorizou a fazer o trabalho, no entanto, em razão de empecilhos pessoais em meu trabalho eu não iniciei imediatamente a pesquisa, eu somente comecei a realizar o trabalho de campo durante o início do mês de julho. No começo dos trabalhos eu tive um outro inconveniente que era previsível, pois a escola entraria em recesso no dia 18 de julho, retornando somente no dia 31 de julho.

Na pesquisa eu trabalhei com entrevistas gravadas para facilitar o trabalho de transcrição e ganhar tempo, e também a aplicação de um questionário elaborado no Google Forms que foi direcionado aos estudantes, eu entrevistei um total de 4 professores que lecionam a disciplina de projetos de vida, sendo uma professora do noturno, e três do período diurno, e um total de 11 alunos, sendo uma estudante do 7º ano do fundamental que já tinha a disciplina de projetos de vida, e os outros 10, todos de turmas do 1º ano do ensino médio.

Por que escolhi os estudantes de turmas da 1ª série do ensino médio? Fui informado pelos professores que a disciplina de projetos de vida estava sendo ministrada com as turmas de 1ª série do ensino médio e as últimas do fundamental, vale ressaltar que neste trabalho eu resolvi não categorizar os estudantes com recorte de gênero e etnia para não complexificar ainda mais o trabalho até mesmo em função de haver pouco tempo para sua realização.

Eu imprimi mais de 40 termos de consentimento para distribuir nas turmas 101,102,103,104 ,105 e 106, eu passava de sala em sala explicando do que se tratava a pesquisa e conforme o interesse e disposição dos alunos eu distribuía os termos de consentimentos para eles levarem para casa e trazerem assinados pelos responsáveis. Eu primeiro perguntava quem aceitaria participar porque acreditei que se eu distribuísse a todos indiscriminadamente sem questionar quem aceitaria ou não participar, eu teria que imprimir uma quantidade muito maior de termos de consentimento e poucos iriam retornar. Mesmo tendo entregue os termos somente aqueles que se dispuseram a participar, eu tive apenas 11 retornos, tive que ir a escola todos os dias tanto no turno da manhã quanto no da tarde, sendo que até a data de entrada em recesso eu somente havia conseguido entrevistar três professores e uma estudante do sétimo ano.

Eu tive que aguardar todo o período de recesso que encerrou no dia 31 de julho para na primeira semana de agosto retornar a escola, para ver se os estudantes que haviam se disponibilizado a participarem da pesquisa traziam os termos de consentimento assinado por seus responsáveis, a questão do tempo para realização do trabalho passou a ser uma preocupação devido aos prazos para realização do trabalho. Eu fui até o dia 15 de agosto fazendo entrevistas na escola, o questionário do google forms eu passei aos líderes de turma e solicitei a eles que passassem a suas turmas por meio de grupos de whatsapp, reforçando a importância de todos responderem, no entanto tive apenas 22 respostas.

As entrevistas foram todas gravadas através do gravador do aparelho de celular, tendo sido realizadas em sala de aula durante intervalo, e também na sala da secretaria que me foi cedida por ser mais silenciosa. Com objetivo de garantir o anonimato da escola e dos participantes neste estudo, utilizou-se de nomes fictícios na identificação dos mesmos, no decorrer do trabalho aparecem trechos de falas de docentes e discentes que foram entrevistados.

Eu realizei a transcrição das entrevistas por meio de uma pagina da internet chamada [riverside.fm/transcription](https://www.riverside.fm/transcription), e após a realização da transcrição, eu coloquei todas as entrevistas transcritas em documentos word e passei para o software Nvivo, no qual fiz uma separação de trechos das respostas codificando por sentimentos negativos e positivos e criando códigos em relação às respostas quanto às aulas da disciplina de projetos de vida, bem como também o

diálogo da disciplina com os projetos de vida dos jovens, o grau de importância da disciplina, os projetos de vida dos jovens e as percepções quanto ao novo ensino médio.

2. O Novo Ensino Médio

Atualmente o sistema de ensino no Brasil vem sendo cenário de mudanças. Desde a LDB de 1996 já existe uma linha argumentativa que vem disputando, que propósito o ensino médio deve ter?. Ao longo dos anos essas argumentações ganharam corpo e tornaram-se hegemônicas no debate sobre o ensino médio, presentes nas DCNEM de 1998 e no PL 6.840/13, tendo sido incorporadas na LDB no âmbito da reforma imposta ao ensino médio.

Essas argumentações sustentam a defesa de uma adequação do ensino a requisitos mercadológicos bem como necessidades reivindicadas pelo setor empresarial.

Mônica Ribeiro (2021), A defesa da reformulação curricular com vistas a adequar o ensino a requisitos do mercado, deu ao ensino público um caráter mercantilista à escola pública. Tais modificações ocasionaram a adoção de uma série de critérios pragmáticos na definição quanto aos rumos das mudanças que deveriam ser implementadas, questões como o desempenho nos exames em larga escala e o acesso limitado à educação superior por parte dos estudantes que terminam o ensino médio permeiam os constructo argumentativo que ataca o modelo propedêutico anterior.

Mônica Ribeiro (2021), O novo modelo que propõe uma divisão por áreas de conhecimento na última etapa do ensino médio, em certa medida reforçou a fragmentação do currículo e a hierarquização dos conhecimentos. O novo ensino médio nega aos estudantes o direito a uma ampla gama de conhecimentos e compromete a possibilidade de uma formação comum a todos, uma vez que, com o novo modelo de ensino cada escola prática um currículo distinto em determinadas áreas de conhecimento de acordo com as possibilidades ofertadas e definidas por sistema estadual de educação.

Aqui cabe ressaltar que na verdade não são os estudantes que escolhem qual itinerário formativo cursar, conforme afirmava a propaganda sobre a novo ensino médio, pois na verdade a definição quanto aos itinerários formativos que serão ofertados em cada escola, está a cargo dos sistemas estaduais de educação,

Há por parte dos propositores da reforma no ensino médio, um desconhecimento com respeito às escolas públicas, muitas das escolas públicas do Brasil não possuem nem sequer a estrutura física necessária, além de um quadro de professores(as) insuficiente que inviabiliza a proposta de aumento da carga horária de 7 horas.

Conforme Mônica Ribeiro (2021), As argumentações dos propositores do novo ensino médio aproximaram a última etapa da educação básica a uma visão mercantil de escola pública, contrariando seu caráter público, inclusivo e universal.

A reforma do ensino médio (Lei 13415/2017) foi implementada sob a justificativa de um novo currículo que em tese seria mais flexibilizado e baseado nos interesses dos estudantes, tal reforma ocasionou a supressão de conteúdos disciplinares dentre os quais disciplinas como: História, Geografia, Filosofia e Sociologia, estas de suma importância para a formação crítica dos estudantes, perderam espaço para as novas disciplinas como; inclusão digital, mundo do trabalho e projetos de vida, bem como sistema de trilhas que são ofertadas de forma distinta em cada escola, conforme a demanda e escolha dos próprios estudantes, mas dentro do leque de opções que a escola dispõe.

Este novo ensino médio abarcou uma série de mudanças acarretando numa redefinição curricular, implementando a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que em seu bojo propõe o desenvolvimento de competências “socioemocionais”. Em teoria esta perspectiva propõe um modelo de ensino no qual os estudantes seriam “protagonistas” alcançando o entendimento e o fortalecimento de si próprio(a), bem como o seu relacionamento com os outros(as), dando aos estudantes, entendimento social e capacidade de prospecção futura.

A BNCC, trabalha com áreas de competências, definindo os conhecimentos considerados essenciais para toda a educação básica sendo ela obrigatória, as competências referem-se à capacidade de mobilizar habilidades, atitudes, recursos, valores e conhecimentos para a solução de problemas, os conhecimentos transmitidos pelos docentes e postos em prática pelos discentes, em tese geram a expectativa de mudança no comportamento dos estudantes refletindo em atitudes baseadas em princípios éticos e sustentáveis.

Brandão (1989) A educação é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes, ela acontece de acordo com as circunstâncias e contexto social no qual as

peças estão inseridas, conforme as concepções, crenças e demandas de trabalho do grupo social no qual os sujeitos estão inseridas. Por meio de um processo de ensino e aprendizagem, os saberes vão se multiplicando, a proposta de promover o desenvolvimento de competências é um tanto contraditório. a luz da forma como alguns teóricos enxergam a educação, na concepção do o Próprio Brandão (1989) “a educação não necessariamente gera habilidades aos sujeitos”, e nem é essa a sua finalidade.

A proposta de remodelar o ensino recai sobre a responsabilidade das escolas, docentes e a comunidade, através do novo currículo praticado com a inserção de novos itinerários disciplinares e, da ideia do desenvolvimento de novas habilidades. Nessa seara encontramos a disciplina “Projetos de vida”, bem como outras, de acordo com o ICE (Instituto de Corresponsabilidade pela Educação 2016): estabelece que ao término do ensino médio, os estudantes devem ser capazes de criar boas expectativas em relação ao futuro, ter a compreensão que na elaboração de um Projeto de Vida se deve considerar todos os aspectos da formação, a mesma sendo fruto de uma análise consciente e individual.

O estudante deve agir a partir da convicção de que a escolha e decisão sobre os diversos âmbitos da vida são um ato de responsabilidade pessoal; deve despertar para os seus sonhos, suas ambições e desejos, tendo mais clareza sobre onde almeja chegar e que tipo de pessoa pretende ser, mobilizando os mecanismos necessários para chegar onde deseja; Conceber etapas e passos para a transformação dos seus sonhos; compreenderem que seus sonhos podem se modificar na medida em que se desenvolvem e experimentam novas dimensões da própria vida e que o projeto de suas vidas não se encerra no 2º ano.

Para Brandão (2003), A educação não gera habilidades aos sujeitos, ela apenas estabelece conectividade, este é o alicerce dos sentidos e significados. Cabe questionar a nova proposta curricular inspirada na ideia de “desenvolver habilidades”, se ela é capaz de cumprir a expectativa quanto a ideia de desenvolver habilidades. Talvez, na melhor das hipóteses, pode-se afirmar que ela apenas gera a capacidade dos jovens enxergarem sentidos e atribuírem significados às coisas. Para Freire (1996), O ato de educar incorre numa reflexão crítica sobre a prática, o fazer prático que gera a crítica e esta, por sua vez, transforma a prática.

O professor José Alves da Unifesp (2023), Crítica essa nova proposta do ensino médio, pois segundo ele: há escolas nas quais, em turmas do 3º ano do ensino médio se reduziram até os períodos de disciplinas como português e matemática, em decorrência de disciplinas provenientes de itinerários com quase nada de conteúdos, ao passo que em escolas privadas, nas mesmas séries os estudantes passam a ter reforço, além do privilégio de contarem com a possibilidade de fazer cursinho preparatório pré vestibular no contra turno, isso garante a esses estudantes um melhor preparo para o ingresso no ensino superior, aprofundando ainda mais o fosso das desigualdades.

O professor José Alves elenca uma série de pontos negativos em relação aos novos itinerários, alertando que existem disciplinas que tratam de temas bastante genéricos e vagos, ele destaca que caso uma escola consiga ofertar os 11 itinerários formativos propostos em São Paulo por exemplo, nesse caso a escola teria que oferecer algo em torno de 276 disciplinas por semana.

Esse cenário é inviável tanto do ponto de vista de recursos humanos quanto físicos, não há professor formado para tamanha quantidade de disciplinas e itinerários. A escassez de recursos humanos faz com que as escolas ofereçam poucos itinerários e, mesmo assim, há casos nos quais estão contratando todo tipo de profissional sem formação para dar aulas para adolescentes, lidar com os adolescentes é uma das tarefas que mais requer especialização.

Muitos professores que têm licenciatura e dão aulas nas redes públicas, fogem o quanto podem dessas disciplinas dos itinerários, devido ao fato de nem existir uma formação para que trabalhem com essas novas disciplinas, preferindo dar aulas dos assuntos que estudaram. No entanto, como a quantidade de aulas de suas matérias foi suprimida, eles pegam muito mais turmas para completar a carga horária, aumentando enormemente seu cansaço, tornando inviável conhecer seus alunos.

Como a quantidade de aulas das disciplinas desses novos itinerários é pequena, há casos em que um mesmo professor chega a receber a tarefa de ministrar aulas de até 10 disciplinas diferentes por semana, inclusive para as mesmas turmas. Alves (2023) ainda ressalta que existem situações nas quais os alunos de uma mesma turma chegam ao ponto de sequer saberem qual é a disciplina que o professor ministra em determinado momento. Muitos

profissionais aceitam trabalhar com as novas disciplinas e desistem quando entendem o que é para fazer na prática, e muitas escolas ficam sem professor.

Em relação a ideia de preparar o jovem para a inserção no mercado de trabalho, devemos considerar o fato de que para a maioria das profissões se faz necessário a realização de estágio, cursar determinados conteúdos, além de outras regulações profissionais, nada disso é proposto na reforma do ensino médio. Ainda existe um outro dilema, há escolas privadas que driblam a reforma com o aumento de horas na escola ou colocando os mesmos conteúdos que davam antes, mas com outros nomes de disciplinas. Com a reforma do ensino médio, dificilmente as escolas têm o mesmo currículo, não havendo uma padronização e paridade.

Alves (2023), Também chama atenção para o fato de que [...] A reforma é defendida apenas pelas fundações empresariais e pelos secretários de educação que, em sua maioria, são muito próximos dessas mesmas fundações (vários ex-funcionários delas.)...

Existe também o problema da falta de verbas, a criação de tantas disciplinas sem dar condições de infraestrutura e preparo para os professores e gestores, parece ter o objetivo de vender materiais e cursos que essas mesmas fundações elaboraram. Outra crítica, é o fato do novo modelo de ensino médio, em certa medida evitar que os mais pobres ascendam para determinadas carreiras mais valorizadas ou para o ensino superior, já que o foco se dissipa, e princípios como a formação do cidadão e o preparo para o ensino superior, dão espaço a ideia de preparar o jovem para o futuro.

Tal futuro se traduz pela inserção em um mercado de trabalho em geral precário, enquanto os jovens oriundos da classe média, alunos(as) de escolas privadas possuem um melhor preparo para o ingresso ao ensino superior visando as carreiras de maior prestígio, a escola reproduz padrões desiguais de poder, trabalho, renda e conhecimento havendo um hiato entre os destinos dos jovens. Cabe ressaltar que as diretrizes curriculares (BRASIL, 2011), em tese, reconhecem a diversidade dos jovens e propõe que:

a organização do ensino médio deve oferecer tempos e espaços próprios para todos e atividades que permitam itinerários formativos opcionais diversificados, afim de melhor responder a heterogeneidade e pluralidade de condições, múltiplos interesses e aspirações dos estudantes, com suas expectativas etárias, sociais e culturais, bem como sua base de desenvolvimento (Art.14,XI).

Arroyo (2014), Um sistema de ensino capaz de reconhecer a pluralidade, a heterogeneidade, as diferenças e desigualdades em nossa sociedade, é difícil se considerarmos uma tradição curricular que doravante sempre foi pautada pela homogeneidade.

Há uma pluralidade de públicos que chegam à escola hoje, são distintas juventudes carregando suas especificidades, heterogêneas, de distintos gêneros, saberes, credos e origens socioeconômicas, cada uma dessas juventudes com suas demandas, sendo necessário um sistema curricular que seja capaz de abraçar essas demandas, o que não é tarefa fácil considerando uma tendência a homogeneizar as juventudes.

Essas juventudes carregam consigo seus anseios em relação ao futuro, em tempos de transformação no próprio mercado de trabalho que passa a fazer um leque de exigências de novos saberes e ao mesmo tempo, é precário, o futuro para muitas dessas juventudes é incerto,

pensar que currículo, que escola, que políticas educacionais para essas Outras juventudes, jovens-adultos na EJA, exige levar em conta que políticas socioeducativas vêm sendo pensadas para setores populares, para os trabalhadores, para seu presente precário e seu futuro incerto. ARROYO, M. (2014, p. 61).

Arroyo (2014), Qualquer iniciativa de redefinir o currículo no ensino médio, não o restaura e tampouco proporciona inovação ao ensino, o mais apropriado seria o diálogo com os atores diretos da educação, isto é; ouvir as escolas, os professores e alunos sobre suas indagações quanto ao currículo praticado e o que gostariam de acrescentar. Reconhecendo que nas escolas de educação básica, já existem certas práticas inovadoras, cujas quais seus autores são professores e alunos, bem como também há inseguranças e incertezas, havendo um limite a certas práticas inovadoras obviamente o currículo por si só, é um espaço de disputa.

O currículo do ensino médio é parte de uma disputa por vezes política e até ideológica, doravante a isso, o “novo ensino médio”, não é visto com bons olhos por parte do corpo docente e discente, uma vez que em tese ele aprofunda o fosso das desigualdades entre as escolas dos mais pobres e as escolas dos mais ricos. As redes privadas são capazes de manter disciplinas do currículo anterior, sendo passadas no contra turno, e assim seus alunos não perdem conteúdos que são de vital importância para o vestibular, enquanto nas escolas públicas isso não ocorre, em função da adição dos novos itinerários curriculares seus estudantes perdem matérias que seriam importantes em seu processo de aprendizagem e estas não são recuperadas.

Se havia e há por parte dos alunos e pais um descontentamento com a qualidade do ensino médio, essa insatisfação não terá seu fim em virtude da reforma curricular. Problemas relativos ao funcionamento das escolas, à falta de professores, à violência no interior e no entorno das escolas e a consistente ameaça da paralisação das aulas (em virtude das greves dos professores) foram secundarizados pelo governo federal e pelos apoiadores da reforma, os quais não apresentaram nenhuma medida concreta para uma nova dinâmica no ensino médio.

Teixeira (2000), Quando tratamos de reforma no ensino, decorre uma série de expectativas altamente exageradas, divergências, desânimos e entusiasmos, isso implica transformações inevitáveis, mas estas não elucidam aquilo que são os elementos integrais para definir, em toda a sua amplitude, o objetivo e o alcance e se traçar, com nitidez, os caminhos e os processos. Para Dewey (1979), As escolas são, com efeito, um meio importante de transmissão para formar a mentalidade dos imaturos; mas não passam de um meio e, comparadas a outros agentes, são um meio relativamente superficial.” sendo necessário nos capacitarmos quanto a necessidade do modo de ensinar que sejam mais eficazes aí estaríamos certas de dar ao ensino seu lugar, Estariam os professores e o currículo apto ao ato da transmissão deveras adequada para nossas juventudes?

Outro ponto que cabe destacar, com relação às transformações pelas quais o ensino médio tem passado, é a mudança na Lei 13.415/2017, que traz como um de seus nortes, o ensino em tempo integral, conforme explica Ferreti (2018) ,|...| Terá dificuldade em se materializar tendo em vista que esse propósito de se estabelecer um sistema de ensino integral, demanda maiores recursos e isso acarretará um problema para alguns Estados do Brasil.|...| Tirando os 10 anos iniciais da implementação da lei; |..| os estados terão que arcar com os custos ainda que nem todas as escolas da rede pública estadual se somem ao ensino integral. Para além de fatores internos às escolas, com relação a más condições de funcionamento, decorrentes dos baixos investimentos para as escolas públicas.|...|

Ferreti (2018), Os reformadores do ensino médio estão alheios à realidade socioeconômica dos estudantes das escolas públicas do Brasil, para ele os reformistas do ensino se espelharam em uma visão simplista do currículo entendendo então que; a questão a ser enfrentada no ensino médio seria a estrutura curricular, assim perseveraram em erros que conduzem ao empobrecimento do ensino público, deteriorando ainda mais a qualidade das escolas públicas do Brasil.

Em se tratando especificamente da disciplina projetos de vida, também há certos conflitos que permeiam tal disciplina, especialmente em relação às finalidades da disciplina, no entanto a disciplina entrou em vigor e não exime as escolas de implementá-la com certas limitações.

Em linhas gerais, as pesquisas sobre essa temática; juventudes e projetos de vida, revelam que os jovens atribuem algum nível de importância da escola com relação a construção de seus objetivos e projetos de vida, (aqui poder-se ia fazer um link entre os projetos de vida dos jovens e a disciplina de Projetos de vida no ensino médio), também revela que a maioria dos jovens desenhavam como futuro; uma oportunidade de formação profissional bem como uma colocação no mercado de trabalho, a colocação no mercado de trabalho como um ponto pé inicial para alcançar outras demais aspirações pessoais, familiares, coletivas ou individuais, ser mais feliz.

Os pesquisadores Geraldo L. Dayrell J. Batista J, em uma pesquisa intitulada "Diálogos com o Ensino Médio" elaborada no Pará, para seu artigo denominado "Juventude, Projetos de vida e ensino médio" (2009). constataram uma grande diversidade de projetos juvenis, esses evidenciando estratégias elaboradas a partir do contexto social, das idades da vida e de uma determinada postura diante do futuro, em face de um cenário sociocultural marcado pelas incertezas.

Os jovens revelaram que a escola é alvo de muitas expectativas, mas apontaram os seus limites em corresponder às suas demandas, os autores relatam no artigo referente a pesquisa, que grande parte dos jovens centram suas expectativas de escolarização articuladas ao mundo do trabalho, reforçando a centralidade da escola e do trabalho na constituição da condição juvenil.

A maior parte dos jovens desejam a conclusão do ensino médio e a continuidade dos estudos em um nível superior que lhes possibilitem ocupar uma posição profissional que eles próprios desejam, no entanto, isso aparece mais como um sonho do que como uma meta a ser alcançada, essa dimensão do sonho fica evidenciada na escolha do curso superior, algo que os deixa em situação de dúvida quanto ao curso a ser escolhido.

De acordo com os autores Geraldo, Dayrell, Batista (2009), Existe uma certa carência de reflexão com relação quanto ao que esses jovens desejam, e sobre suas potencialidades pessoais, e um desconhecimento sobre as profissões desejadas. Muitos jovens revelam um sentimento de obrigação com relação à família, e a intenção de constituir uma família, articulada a conquista de estabilidade, porém esse desejo aparece mais em jovens de idade avançada.

Ajudar a família (pais, e principalmente as mães), aparece de forma recorrente. A família aparece como uma instância significativa para a compreensão dos projetos de vida dos jovens, e têm um lugar central na questão motivacional para esses jovens na formação e no conteúdo por eles expresso. Há um componente de moralidade que se traduz no aspecto da reciprocidade, uma vez que os jovens sentem uma “obrigação” de retribuir todo o esforço empenhado por seus pais para que eles possam construir seu futuro, “ser alguém”, muitos desse jovens oriundos de contexto socioeconômico de baixa renda, os mesmos desejando obter um futuro melhor.

Nesse trabalho de pesquisa, Geraldo, Dayrell, Batista (2009), observam que em um dos extremos, situam-se estudantes que de alguma forma expressam um mínimo de clareza do que eles desejam para si, esse desejo basicamente se traduz na continuidade dos estudos almejando o ingresso ao ensino superior. Esse desejo quando oriundo de jovens de camadas mais populares, demonstra ser de certa forma uma novidade que é comum diante da expansão do ensino médio e superior no Brasil, reforçando a ideia de que grande parte da parcela dos jovens tem como uma de suas principais aspirações, os objetivos de carácter profissional, ter uma formação e o ingresso no mundo do trabalho para logo em diante buscar outras metas e sonhos.

Geraldo, Dayrell, Batista (2009), Constatam que a incerteza é uma característica como nas diversidades dos jovens pesquisados, não sendo possível traçar um perfil comum entre os mesmos. Os autores explicam que há uma conexão entre projeto, trajetória biográfica e identidade, as distintas posturas diante de um futuro incerto, podem ser interpretadas como uma busca das estratégias para lidar com o contexto em que se encontravam de acordo com as possibilidades possíveis.

A pesquisadora e professora Ana Klein, com essa mesma temática sobre juventude e projetos de vida, em um trabalho semelhante, feito em 2011; também questiona os estudantes sobre a possível contribuição da escola para seus projetos de vida, cerca de 81% dos jovens participantes responderam que a escola contribuía para os seus projetos de vida, 19% deles acreditavam que a escola não contribuiu para seus projetos de vida. A grande maioria dos estudantes, portanto, estabelece uma relação positiva entre a escola e seus projetos de vida, mas é de grande valia analisar que relação há entre os novos itinerários formativos e os projetos de vida dos jovens tendo em vista que o norte do chamado “novo” ensino médio por meio da disciplina de Projetos de vida, visa preparar o jovem para o futuro.

Neste trabalho, em relação aos objetivos, eles são considerados importantes ou sem importância pelos(as) participantes, em função dos valores que expressam em suas categorias. Se entendermos os objetivos como metas pontuais e projetos de vida como algo que direciona a vida do indivíduo, segundo Klein (2011), |..| A preocupação familiar transcende a preocupação imediata e é adotada como meta importante para guiar a vida.|..| O estudo não identificou que fatores influenciam no adiamento para assunção de objetivos familiares. Os resultados deste estudo demonstram que 81% dos estudantes consideram que a escola contribuiu para seus projetos de vida, principalmente por meio das atividades desenvolvidas em sala de aula.

No estudo feito pela doutora Ana Klein, embora ela não identifique quais seriam os fatores que influenciam no adiamento de objetivos familiares, ainda assim deixa claro o quanto a preocupação familiar tem centralidade, e que a maior parte dos jovens consideram que a escola contribuiu de alguma forma para seus projetos de vida.

2 Projetos de vida, juventudes e o direito à educação.

Nas subseções a seguir, trago uma discussão conceitual sobre a ideia de Projetos de vida, seguido de uma discussão sobre a juventude e a relação com a instituição escolar, e as percepções de docentes e discentes com o ensino médio e seus novos itinerários formativos que foram implementados a partir do novo ensino médio.

2.1 Projetos de vida: do que mesmo que estamos falando?

Em relação a ideia de “projetos de vida”, existe uma ampla gama de conceitos, sendo que para este projeto, optei pela ideia cunhada pelo Psicólogo e pesquisador Norte Americano Willian Damon , o autor parte da ideia de projetos de vida e formula o conceito de projetos vitais – *purpose*, segundo Damon (2008), “O projeto vital é uma razão mais profunda para os objetivos e motivos imediatos que orientam a vida cotidiana.”.

De acordo com Klein (2011), Os projetos de vida compreendem outros elementos como suas ações para a consecução, a estabilidade das metas, a percepção do sentido na vida e a preocupação com o futuro.

Os projetos vitais, grosso modo podem ser interpretados como uma espécie de meta, porém mais estáveis e com alcance amplo, eles também são munidos de significado pessoal e de um componente externo, Por exemplo: Fazer a diferença no mundo, ou seja, vai além do “eu” individual, os “Projetos vitais” não possuem um fim definido, eles se dirigem a uma forma de orientação seguida no curso da vida,

Machado (2000), A ideia de projeto está associada a três características: A referência ao futuro, a abertura para o novo e o caráter indelegável da ação projetada. Em todo projeto, grosso modo ocorre uma antecipação da ação e geralmente, esta ação envolve alguma referência ao futuro. No entanto, como o futuro não está determinado, há a possibilidade de abertura para o não-determinado.

Um projeto, conforme Machado (2000), É a antecipação de uma ação, envolvendo o novo em algum sentido, mas uma ação a ser realizada pelo sujeito que projeta, individual ou coletivamente.

Geraldo, Dayrell, Batista. (2011), Quando tratamos de projeto, geralmente também tratamos de futuro já que quase sempre ambos estão intrinsecamente conectados, existe uma concepção de futuro Aberto. O futuro é subjetivamente influenciável, e está à disposição dos indivíduos como um espaço de experimentação e experiências, e a projeção do tempo aparece como uma forma de poder controlar a incerteza do futuro. Para construir o futuro é necessário se aparelhar para enfrentar suas descontinuidades, o futuro aberto é composto de liberdade e de incerteza.

Nesse contexto surge a ideia de projeto de vida, ligada ao mecanismo denominado “adiamento das recompensas”, que basicamente consiste em adiar para um tempo futuro, as satisfações possíveis que um tempo presente poderia garantir, em vista de maiores benefícios em um tempo futuro.

Geraldo, Dayrell, Batista. (2011), A inserção social dos jovens, e o sucesso de seus projetos de vida se consagra como resultado por meio das capacidades dos jovens de elaborarem um projeto de vida e sua persistência, tomando como responsabilidade pessoal que justificará o lugar social que o jovem ocupará quando adulto. Esta concepção já não é mais hegemônica, no entanto, ainda está presente no imaginário social contemporâneo.

O futuro também possui uma outra concepção mais contemporânea, está marcado pelo risco e pela incerteza, isso ocorre devido à ampliação das incertezas que ocorrem em todos os níveis da vida social, o que amplia o sentimento e a ideia de risco. O Ocidente, a partir do século XX, passou por uma série de mutações sociais profundas que estão afetando a realidade social e as suas instituições. Os indivíduos encontram-se perdidos, entrelaçados em uma teia de pluralidades, participando de uma multiplicidade de mundos. A escolha também aparece como fator central dentro desse processo da ampliação das possibilidades. Outra dimensão importante a ser considerada no que se refere ao conceito de Projeto de futuro, é a dimensão psicológica.

Essa concepção de Projeto como orientação, é importante para elucidar os aspectos psicológicos presentes na inserção profissional dos jovens, a inserção profissional é parte que constitui uma faceta do projeto de vida de um jovem

De acordo com Boutinet (1990), O conceito de projeto permite aos indivíduos anteciper, os projetos servem para nos ajudar a definir condições de escolha e de orientação que se apresentam, existem diferentes tipos de orientação de projetos, o projeto de orientação escolar a curto prazo, se trata da organização dos estudos e das escolhas de vias de ensino, bem como das próprias pretensões do indivíduo. Nesse caso, os alunos que possuem projeto determinado são os alunos que tiveram sucesso escolar e se encontram em séries escolarmente valorizadas. Esses alunos são postos face à obrigação de se dotar de um projeto.

Já o projeto de orientação profissional a médio prazo é o projeto de inserção socioprofissional propriamente dito. Segundo Boutinet (1990) [...] O projeto profissional aparece paradoxalmente em estudantes com menos sucesso escolar, ou aqueles que seguem fileiras de formação pouco valorizadas. Significa que os jovens que possuem pouco sucesso no decorrer da trajetória escolar, projetam suas vidas fora da escola, com vistas a ocupar um posicionamento profissional que seja conveniente, dentro das possibilidades de inserção que lhes são possíveis.[...]

Essa visão do autor é de fato interessante, pois percebe-se que muitos jovens, acabam por evadir a escola, em função do desestímulo por entenderem que “fracassaram” em sua trajetória escolar e, somado a isso, a necessidade de trabalhar, eles projetam sua vida fora da escola buscando uma posição no mercado de trabalho dentro de um horizonte possível. Em contrapartida, os alunos que possuem sucesso no decorrer de suas trajetórias escolares, possuem, muitas vezes, um projeto profissional não tão consistente, que o autor denomina de “frouxo”

O projeto escolar, profissional e de vida, constituem o projeto adolescente, e essas perspectivas se encontram imbricadas umas nas outras sendo parcialmente autônomas. O projeto adolescente é valorizado devido a passagem à vida adulta ser muito mais problemática, nessa esteira o projeto de orientação requer dos jovens a tomada de decisão quanto ao futuro, paradoxalmente na concepção de projeto adolescente, é o próprio ambiente que o pressiona em relação ao que este, pretende fazer mais tarde em seu futuro,

Outra concepção de projeto que cabe ressaltar aqui, é a de “projeto Vocacional” que de acordo com a visão anglosaxônica, como a realização de si, bem como o projeto que a orienta, que são resultantes. Em suma, quando tratamos da ideia de projeto, estamos falando de uma antecipação operatória.

2.2 Os estudantes e escola (Juventudes)

Juarez Dayrell, em seus estudos sobre juventude trata da categoria “jovem”, se utilizando da ideia de “condição juvenil”, o termo condição se origina do Latim, “conditio” refere-se à maneira de ser, à situação de alguém perante a vida, perante a sociedade, O autor

destaca a existência de uma nova condição juvenil no Brasil e sua relação com o espaço escolar, Dayrell (2007) |..| Os jovens que chegam às escolas públicas hoje, apresentam diferentes perfis no âmbito de práticas sociais e na sua diversidade, apresentam características, são dotados de um universo simbólico próprio que os diferenciam muito em relação às gerações anteriores |...|. Dayrell (2007): Há uma crise da escola na sua relação com as juventudes.

A juventude constitui uma determinada etapa da vida, porém esta não se esgota por completo em uma passagem. Ela se constitui no exercício da inserção social na qual os indivíduos vão se descobrindo em todas as instâncias de sua vida. Dayrell (2014) |...| A juventude ganha contornos próprios de acordo com o contexto social, histórico, cultural no qual ela se constrói, as distintas condições sociais, culturais, diversidade de gênero e territoriais, se entrelaçam constituindo diversos modos de se vivenciar a juventude. |...|

Dayrell (2014) O cerne do problema das juventudes em relação a escola, se reflete na questão dos relacionamentos entre docentes e discentes e a instituição escolar, a escola não é vista como um ambiente prazeroso, ela é encarada como uma obrigação para se obter um diploma. Geraldo (2011) |...|| A escola e os docentes deveriam levar em conta o “jovem” existente dentro de cada aluno ou aluna, mas tal feito implica reconhecer que a vivência das juventudes, desde a adolescência, tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social. |...|

Dayrell,(2014) A juventude vive um processo no qual está permeada por descobertas, emoções, ambivalências e conflitos, e dessas situações surgem indagações como: “Quem sou?”, “Para onde vou?”, “Qual rumo devo dar à minha vida?”. O autor considera a categoria juventude como sendo parte de um processo de crescimento totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social.

No entanto, essas reflexões em relação ao futuro dos jovens, feita por eles próprios requer um espaço de tempo de reflexão sobre seus sonhos, seus desejos e suas capacidades e um maior esclarecimento do contexto no qual esses mesmos estão inseridos, o mundo do trabalho, as Universidades etc.

Considero de suma importância essa temática vista do ângulo dos próprios jovens, constatar por parte dos próprios jovens a importância que eles mesmos atribuem à escola, o papel dela em seus projetos de vida, constatar até que ponto a escola e os professores buscam conhecer e refletir sobre as realidades dos próprios alunos na dimensão de jovens. verificar se a escola dialoga com o projeto de vida desses jovens, é um passo importante para que possamos avançar no processo de melhoria das relações entre jovens e escola, o que considero de grande importância quando miramos os problemas do sistema escolar, o desestímulo existente em parte dos jovens para com a sala de aula e professores, e problemas como a evasão escolar. Há falta de perspectiva de futuro em muitos jovens,

Dentro da categoria juvenil, Klein (2016), A escola em si como instituição, também tem papel relevante, a condição juvenil pressupõe uma etapa da vida que precede a transitoriedade, está assumindo um caráter preparatório que por sua vez, consolida-se com a extensão da educação escolar, a mesma pode instigar o olhar em direção a perspectivas futuras, trazendo a tona a visão do vir a ser do aluno.

Quando se trata das relações jovens/escola, existe uma série de fatores a serem considerados no tocante ao significado da escola em suas vidas, a medida em que Sposito (2005 apud Klein A. 2011), “os jovens incorporam suas práticas e expectativas a escola,” segundo Fanfani (2000 apud Klein A. 2011), [...] Muitos jovens enxergam a escola como uma imposição, uma obrigação, outro fator de importância se refere aos benefícios futuros por meio de um diploma, e, por fim, também a satisfação e amor ao conhecimento. [...] 1

De acordo com Sposito (2005 apud Klein 2011), A relação entre escolarização e mercado de trabalho, já não guardam mais a mesma importância de outrora, tendo em vista que nos dias atuais, ter um diploma já não garante mais inserção no mercado de trabalho e tampouco um futuro profissional auspicioso, mas a escola ainda aparece como uma possibilidade dos jovens poderem se situar no mundo. 1¹

1 1 FANFANI, Emilio. Culturas Jovens e Cultura Escolar. In: SEMINÁRIO ESCOLA JOVEM: UM NOVO OLHA SOBRE O ENSINO MÉDIO, 2000, Brasília..

SPOSITO, Marilia Pontes. Indagações sobre as Relações entre Juventude e a Escola no Brasil. Revista de Estudios sobre Juventud, México, ano 9, n. 22, p. 201227, jan./jun. 2005.

Segundo Ezpeleta e Rockwell (1986), A instituição escolar é resultante de um confronto de interesses. Em meados da década de 1980, surgiu uma nova vertente de análise da instituição escolar que buscava superar os determinismos sociais e a dicotomia criada entre homem-circunstância, ação-estrutura, sujeito-objeto.

Essa vertente se inspira num movimento existente nas ciências sociais, direcionado por um paradigma emergente, o “paradigma” emergente se caracteriza por buscar uma ruptura com o conhecimento dualista, expresso na volta do sujeito às ciências, nesse caso as autoras trazem uma abordagem que busca analisar a existência cotidiana como história acumulada, e buscava os elementos estatais e civis com os quais a escola se construiu, Ezpeleta e Rockwell (1986), [...] A escola pode tomar vários sentidos de acordo com determinadas conjunturas em nível nacional ou local. [...]

As autoras demonstram que a construção como um processo e também como um produto, estão unidas. Em sua pesquisa sobre a escola , as autoras se apóiam na noção de “vida cotidiana”, Ezpeleta e Rockwell (1986), [...] Aproximar-se da escola com a ideia de vida cotidiana significa algo mais que chegar a observar o que acontece diariamente. [...]

Compreendemos que é possível reconstruir o que ocorre diariamente em qualquer “parte” da realidade social, mesmo nos lugares privilegiados pelas visões legitimadoras da dominação. (“A ambiência cotidiana do rei é a corte, não o reino”). Constatamos também que o cotidiano esta impregnado de conteúdo histórico.” (Ezpeleta. J e E Rockwell, P, 22, 1986).

O emprego do “cotidiano” como categoria analítica para Ezpeleta e Rockwell (1986), tem o objetivo de abordar as formas de existência material da escola, a escola é distinta dependendo do lugar e forma conforme a mesma é vivenciada, arrolando a existência de múltiplas realidades que os sujeitos , nesse caso os jovens, podem viver de distintas maneiras e, portanto aquilo que é o cotidiano para um sujeito, não necessariamente o é, para o outro.

As autoras Szpeleta & Rockwell (1986) desenvolvem suas análises privilegiando a ideia da ação dos sujeitos, na relação com as estruturas sociais, nesse caso a escola. Por conta dessa ação dos sujeitos em consonância com a estrutura, as autoras enxergam que, a instituição escolar seria resultante de um confronto de interesses no qual temos de um lado a instituição e de outro os sujeitos,

Dayrell (1986), A escola é entendida como um espaço social próprio, a mesma é ordenada em dupla dimensão, institucionalmente e cotidianamente. Institucionalmente a escola é ordenada conforme um conjunto de normas e regras que visam unificar e delimitar as ações dos seus sujeitos, em paralelo a isso, existe uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, vê-se aí alianças, conflitos, imposição de normas, estratégias individuais e coletivas de transgressão e de acordos.

Há um processo de apropriação dos espaços, das práticas, das normas e saberes que dão forma ao espaço escolar. O processo educativo escolar recoloca a cada instante a reprodução do velho e a possibilidade do novo, nenhum dos lados pode antecipar uma vitória completa e definitiva.(DAYRELL, 1986, p.17)

2.3 A educação como um direito: Que escola queremos?

De acordo com Moraes (2002), Os direitos sociais, e a educação é um deles, caracterizam-se como liberdades positivas, estas de observância obrigatória em um Estado Social de Direito, que tem por finalidade a melhoria das condições de vida com vistas à igualdade social.

Aqui eu trato o termo “escola”, também como educação, já que é nela que o educador faz a educação, muito embora a educação aconteça em diversos âmbitos da vida. Para Dewey (1976) a educação é um processo contínuo de reorganização e transformação ao longo da vida, aprendendo com a própria vida. O direito social à educação propicia o reconhecimento da dignidade da pessoa, prezando por princípios constitucionais de construção de uma sociedade livre justa e solidária que vise a erradicação da pobreza e das desigualdades.

Para Abramovay (2002), A disparidade entre a disponibilidade de recursos materiais ou simbólicos, bem como de acesso às estruturas de oportunidades sociais, econômicas e culturais que provêm do Estado, Mercado ou sociedade, se traduz em um coeficiente negativo em termos de desempenho e mobilidade social. Não creio que a educação isolada seja uma ferramenta para a redução das desigualdades, no entanto ela é base para auxiliar a proporcionar melhores oportunidades em termos de mobilidade social. Mas quê educação queremos? E como deve ser a escola?

Para Freire (2000), O ato de educar deve ter como princípio, a integração entre o ser humano e o mundo, no qual o diálogo possibilita a interpretação da realidade e com isso permite ao educando, aprofundar a sua tomada de consciência. O conhecimento deve partir da realidade concreta, e na diversidade de formas de viver, na dramaticidade do mundo atual, diversidade de formas de resistência, os jovens devem tomar consciência de seus direitos, e de serem sujeitos de direito.

É necessário que o educador conheça diferentes dimensões da educação, filosofia, ética, política e técnica para então poder exercer a prática pedagógica.

Na visão de Dewey e Teixeira (1976), O aprender do aluno não está centrado a um estímulo específico que seja capaz de despertar no aluno, respostas definitivas. A escola é com efeito o meio intencionalmente organizado com o propósito de influenciar moralmente e intelectualmente os seus membros que nesse caso são os estudantes.

E é dentro desse meio que se dá a educação que deve primar pelo desenvolvimento da capacidade de raciocínio e espírito crítico do aluno. A escola deve ser capaz de simplificar processos tidos pelos estudantes como complexos, ela deve ser capaz de propor novos saberes que sejam mais consistentes que de seus antecessores, e ser um ambiente de integração social.

Na visão de Teixeira (1980), A escola não pode ser uma instituição isolada da sociedade, munida da incumbência de preparar o indivíduo que nela vive, a escola deve ser um espaço no qual o indivíduo e a sociedade constituem uma unidade. A oposição entre ambos se centra em concepções isoladas de indivíduo e sociedade, e uma não existe sem a outra.

Educação e sociedade são vistos como processos fundamentais da vida que se influenciam mutuamente, para Teixeira (1980), [...] A sociedade em si é um processo, o mesmo ocorre com a educação, a educação não existe, e sim um processo de educação [...]. No que concerne ao processo educativo, ele deve ocorrer de modo inerente ao sujeito, suas tendências, impulsos e inclinações são parte desse processo, logo a atividade de educar deve ser encarada como uma libertação desse impulsos e tendências que habitam no sujeito. A escola deve ser capaz de preparar o educando para um futuro imprevisível.

Penso que, a escola também não pode ser um mero espaço fadado a reprodução de desigualdades, e incapaz de reconhecer a heterogeneidade dos estudantes, cada um com uma bagagem de experiências e demandas diversificadas, de modo que a escola deve ser capaz de estabelecer um diálogo com as juventudes, contemplando-os.

O sistema educacional, não pode continuar sendo calcado em princípios hierárquicos e meritocráticos pautado pelo individualismo que tem como base a ideia de que cada sujeito é produto de seus próprios atos e de suas vontades.

O modelo de igualdade de oportunidades meritocrático pressupõe, para ser justo, uma oferta escolar perfeitamente igual e objetiva, ignorando as desigualdades sociais dos alunos. Ora, todas as pesquisas mostram que a escola trata menos bem os alunos menos favorecidos: os entraves são mais rígidos para os mais pobres, a estabilidade das equipes docentes é menor nos bairros difíceis, a expectativa dos professores é menos favorável às famílias desfavorecidas, que se mostram mais ausentes e menos informadas nas reuniões de orientação [...] O modelo de igualdade de oportunidades implica sérios problemas pedagógicos. O princípio meritocrático pressupõe que todos os alunos estejam envolvidos na mesma competição e sejam submetidos às mesmas provas. Ora, as diferenças se aprofundam rapidamente, e alguns alunos parecem incapazes de continuar competindo. Na competição com os outros, eles perdem, se desesperam e desanimam seus professores. Deixados de lado, são marginalizados em currículos diferenciados e ficam cada vez mais enfraquecidos. No final das contas, o sistema meritocrático cria enormes desigualdades entre os alunos bons e os menos bons (Dubet, 2004 p. 542-543).

O sistema meritocrático que vigora nas escolas, cria barreiras e dificuldades já que ele aprofunda as desigualdades entre alunos que são considerados como “bons” e aqueles tidos como “não tão bons”. Dubet (2004), ressalta a necessidade de se [...] anular os termos de tensão entre igualdade e mérito [...] , comuns em sociedades capitalistas. Muito embora, em uma eventual tentativa de reestruturação da educação com vistas à redução das desigualdades, esta pode ser frustrada pela introdução de uma nova desigualdade que se apresente,

Para se reduzir as desigualdades sociais e escolares se faz necessário uma atuação em diversas frentes, no sentido de garantir o acesso igualitário à educação e permanência das juventudes no ambiente escolar que seja saudável, com suas plenas garantias e que seja capaz de respeitar e contemplar a diversidade das juventudes existentes e reconheço o jovem dentro de cada estudante. Cabe se fazer um questionamento que Dubet destaca e que considero essencial para refletir sobre que sistema educacional queremos?

É justo que os bons alunos venham a se beneficiar de rendas e proteções extremamente favoráveis, ao passo que os maus alunos estarão em desvantagem quase definitiva por sua fraqueza? Em outras palavras, é justo que os diplomas

exercem tamanha influência sobre as outras esferas de atividade? É justo que o sucesso num concurso aos vinte anos, ou que o fracasso num exame aos dezoito anos determine também totalmente a carreira dos indivíduos? Será necessário proceder como se a vida parasse aí, como se a atividade profissional fosse apenas consequência dos estudos? Quantas pessoas competentes não conseguiram obter reconhecimento profissional porque estavam em desvantagem devido a sua escolaridade, quantos antigos bons alunos foram protegidos por diplomas que funcionavam como castas ou aristocracias de lugares reservados? É justo que uma reprovação no ensino fundamental feche para sempre certas portas porque alguém ficou um ano “atrasado”? (Dubet, 2004, p. 550).

O sistema educacional também não pode se constituir em um sistema no qual, em uma ponta se têm a “escola dos pobres”, esta que tão somente cumpre um papel de formação de mão de obra para um mercado de trabalho precarizado, e na outra ponta uma “escola para as classes privilegiadas” nutrida de um amplo leque de saberes e orientada a formar Doutores, médicos, engenheiros, advogados, arquitetos etc.

A tendência, hoje, é a de abolir qualquer tipo de escola "desinteressada" (não imediatamente interessada) e "formativa", ou conservar delas tão-somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. (GRAMSCI, A. 1982 p.118)

O novo ensino médio dividido por áreas de formação amalgamado na ideia de formação para o futuro e principalmente com pretensões de preparo para o mercado de trabalho, trouxe essa cisão no currículo, desintegrando-o e suprimindo certos saberes que são tidos como “desnecessários” ou “menos importantes” para em seu lugar, ganhar espaço novos saberes tidos como “mais úteis” para as finalidades pretendidas. Para Gramsci (1982), Uma possível solução seria uma escola única, capaz de cumprir o papel do ensino destinado à formação profissional e ao mesmo tempo intelectual, levando em consideração que cada atividade prática tende a criar para si uma escola especializada própria, ao passo que cada atividade intelectual tende a criar círculos próprios de cultura, que assumem a função de instituições pós-escolares especializadas em organizar as condições nas quais seja possível manter-se a par dos progressos que ocorrem no ramo científico próprio.

3 Como estudantes e professores percebem a disciplina “Projetos de vida”

O trabalho realizado tem um caráter qualitativo tendo sido realizada uma série de entrevistas envolvendo estudantes de turmas do ensino médio, basicamente de turmas da 1ª série do ensino médio que estão tendo aulas da disciplina de projetos de vida, e também com professores que estão lecionando a disciplina. Por questões de tempo e disponibilidade dos

entrevistados, no total foram 15 entrevistas, tendo sido 11 com discentes e 4 feitas com docentes que trabalham ou trabalharam com a disciplina de projetos de vida. A escola na qual foi realizada a pesquisa, se localiza no município de Gravataí RS, atualmente não possui um PPP (Projeto Político Pedagógico) que ainda segue em fase de construção, também foi planejado um questionário de caráter mais quantitativo para ser respondido pelos estudantes, no entanto houve pouca adesão dos mesmos.

Mesmo assim, além de considerar as entrevistas como o foco da análise me utilizando do software Nvivo para auxiliar na codificação das respostas contidas nas entrevistas que foram transcritas, resolvi considerar os questionários aplicados por meio do google forms que contém resultados que considero interessantes e que vem a somar com respostas dadas nas entrevistas.

Em relação ao novo ensino médio, as percepções relatadas pelos professores quanto ao novo modelo e aos novos itinerários, em linhas gerais, são bastante negativas. Dentre os problemas elencados pelos docentes, temos aqui o depoimento do professor João (professor de história):

O novo ensino médio (aprofunda o fosso) entre a escola privada e a escola pública [...] os saberes da humanidade, os alunos de escolas públicas têm que ter o direito democrático de ter acesso. Isso é vedado agora. Isso é cerceado. Se quer, tu pega, por exemplo, Filosofia, eles têm um período durante todo o ensino médio. Sociologia, um período durante todo o ensino médio. História, eles têm um período por ano, só no segundo ano, só o primeiro ano é dois, depois é um e um. Entende? Não tem, não tem. Geografia, mesma coisa. Os alunos vão sair sem saber porque que acontece o dia e a noite. (Professor João,2023)

Um dos docentes entrevistados refere-se a ausência de uma formação e a própria estrutura da escola para se trabalhar em sala de aula.

Como é que eu vou te dizer assim? Ela não aceita no novo ensino médio. Já por conta disso. Como é que eu vou ensinar cultura digital numa escola que não tem uma sala de computador? Não tem uma sala de informática. Como é que eu vou ensinar cultura digital? Com quadro e caneta. Posso ensinar só teoria, tudo bem, mas é algo que seria muito melhor com a prática, né? Então eu vejo assim, uma rejeição. (Professor João,2023)

A crítica a disciplina de cultura digital é bem recorrente apesar da pesquisa estar a priori centrada na disciplina de projetos de vida, o entanto surgem indagações sobre as demais disciplinas que compõem o novo itinerário, e as queixas de professores e alunos aparecem em

relação a didática empregada nessa disciplina, Pois é possível fazer inclusão digital no analógico?

Há estudantes que relataram que em aulas da disciplina de cultura digital, um professor dava atividades de lógica, ou atividades bastante aleatórias.

Eu acho que a escola poderia disponibilizar alguma coisa pra gente poder usar ou reunir em grupos com pessoas que tem, tipo, só tentar fazer a gente conseguir aprender alguma coisa. Não por exemplo uma atividade de lógica, uma atividade de cabra-cega, o que isso nos ajuda a desenvolver tecnologicamente? Porque na hora que a gente vai procurar um emprego a gente precisa ter, pelo menos, a base do Excel, a gente precisa ter a base do Word. (estudante Carol, 2023)

Quando vemos esse tipo de resposta, muitas pessoas tendem a responsabilizar o docente, não que o mesmo não possa vir a ter algum grau de responsabilidade pelo currículo que pratica em sala de aula, no entanto cabe ressaltar que em se tratando desse novos itinerários e disciplinas que passaram a compor o currículo, os professores são designados para trabalharem com disciplinas nas quais nem sequer passaram por alguma formação, e as dificuldades em termos de didática são iminentes.

Outro ponto que cabe ressaltar, é que no caso dos professores, muitos optam por essas novas disciplinas como Mundo do Trabalho, Projetos de vida ou inclusão digital, encima do fato de terem perdida parte da carga horária de suas disciplinas;

Agora, com relação aos outros professores, pelo menos aqueles com quem eu conversei, e que dão projetos de vida ou mundo do trabalho e cultura digital, a impressão que me dá é que, bom, tá ali um currículo, a minha disciplina caiu alguns períodos, é o que dá pra poder chegar no horário, bora, vamos fazer. (Professor Estuart, 2022)

Para complementar a carga horária e não terem perdas, acabam se sujeitando a trabalharem com disciplinas com as quais, não há motivação nem por parte do corpo docente que só estão trabalhando com determinada disciplina em razão da necessidade de se manter uma carga horária, praticando um currículo cujo o qual nem eles próprios sabem exatamente o quê trabalhar, some isso aos discentes que estão em sala de aula sem compreender para quê serve ou que sentido faz determinada disciplina, que em geral são monótonas e para muitos não fazem o menor sentido, é o “desastre” do ensino médio.

Um dos professores entrevistados destaca que para ele o ensino médio foi alterado sem haver um diálogo com professores e alunos e questiona a tese de que no novo ensino médio,

os alunos “escolhem” que área estudar. Para o professor entrevistado os alunos não teriam “maturidade” para decidirem quanto ao quê estudar.

Daria essa possibilidade dele escolher, só que eu não sei se eles tem maturidade pra escolher. Porque tem criatura aí com 30 anos nas paleta, que estão na terceira ou a quarta faculdade, e não sabe o que quer fazer da vida. Eu não sei se tem maturidade pra isso. Eles vão ter que mudar toda uma lógica, não só da rede, das aulas e tal, mas a lógica de vestibular, de Enem, como é que vai ficar os cursos de graduação. (Professor Estuart, 2022)

Os alunos(as) não sabem bem o que escolher, o futuro é incerto, se na verdade ele já é incerto para os adultos, também o é para os jovens, a escola deveria ser capaz de prepará-los (as) para um futuro imprevisível. Nas entrevistas foi possível notar pelos relatos das trajetórias de vida dos professores(as), que ao longo de suas vidas no que tange as escolhas de âmbito profissional tomaram rumos distintos.

Para os docentes entrevistados, inicialmente, a decisão de tornar-se professor(a) não era um propósito claro, em verdade conforme as possibilidades possíveis que foram se apresentando para os mesmos, é que vieram para dentro da educação, a escolha pela carreira docente se deu em meio a circunstâncias que eles próprios não previam.

Enfim, aí era um período em que a função exatamente que eu exercia, que era operador de caldeira, começava a se extinguir, então precisava uma reciclagem, né? E aí fui fazer faculdade de história, e aí comecei, e aí foi [...] Não era algo assim, ah, que eu sonhasse, coisa assim, enfim [...] até mesmo porque é muito fácil falar do projeto de vida em tese. Ora, eu não escolhi ser professor. Então são as condições nas quais eu vivia, as condições estruturais, econômicas nas quais eu vivia, que eu tinha que trabalhar, eu era metalúrgico e tal (Professor João, 2023)

Se um adulto ao longo de sua vida, muda conforme as circunstâncias e possibilidades que para ele se apresentam, um jovem não tem plena convicção de quê futuro o espera, ainda mais se tratando de juventudes que são múltiplas em termos de gênero, etnia, fatores culturais e socioeconômicos, se considerarmos as mudanças no mercado de trabalho que passa por transformações e surgem novas profissões ao passo que outras deixam de existir.

Os (as) estudantes entrevistados, desejam fazer um curso superior, dentre os entrevistados boa parte não tem claro ainda quê carreira desejam para seu futuro, somente afirmam que chegar ao ensino superior em tese seria um de seus objetivos após o término do ensino médio.

Eu queria muito fazer... Desde pequena eu queria ser psicóloga. Eu acho que é um negócio que eu iria sair muito bem. Mas o meu pai tem um sonho que eu seja

formada em Engenharia Química. Então eu acho que eu vou prestar faculdade de Engenharia Química. Eu tenho uma prima minha que ela é (estudante Carol, 2023)

Em linhas gerais o objetivo base que os (as) estudantes apontam que vislumbram para seu futuro, aquilo a priori seria uma de suas metas ou projeto de vida, é o ensino superior, mas de que maneira estes chegarão preparados para enfrentar exames de vestibular ou Enem? tendo um preparo que parece deficitário. Com as novas disciplinas, são poucos períodos de conteúdos e sem possibilidade de aulas de reforço no contraturno, já que não há nem sequer o ensino integral na escola, também fica implícito que se tratando dessas disciplinas como mundo do trabalho, projetos de vida e cultura digital, elas estão na grade só para “encher linguiça”.

E aí eles ficam naquela coisa assim, tipo, tá para que serve isso? [...] e diabo, sabe? E não... eles vão empurrando com a barriga. Então isso é bastante...frustrante [...] Disciplinas como sociologia, filosofia, literatura. Eu dei tudo organizadinho, sabe? Eles fazem as coisas, eles respondem às atividades. Agora, projeto de vida, dá para ver que. “Foi, foi, não foi, não foi, não [...] Ali, então tanto faz como tanto fez. (Professor Estuart, 2022)

Um dos docentes entrevistados afirma que nem mesmo a instituição mantenedora, dá importância aos novos itinerários formativos, a própria Coordenadoria Regional da Educação, em tese enxerga as novas disciplinas com uma certa “indiferença”, como se elas fizessem parte do currículo somente para cumprir um protocolo de se preencher a grade curricular.

Então, olha só, não só o conjunto de professores, mas pelo próprio Estado. Quando tem que precisa fazer qualquer coisa, né? Por exemplo, no início do ano tinha que apresentar uma disciplina das matérias optativas. [...] Ai a orientação da CRE foi ” Há digam para os professores de projeto de vida ocuparem suas aulas fazendo isso”. Ou seja, aí já tem embutido qual é a visão que a própria [...] Não sei, já. “Qualquer coisa lá e tal”. E é isso. Então, se a própria instituição mantenedora tem essa postura, isso se reflete nos próprios alunos (Professor João,2023)

As respostas negativas em relação aos novos itinerários, evidenciam percepções bastante pessimistas dos docentes e discentes com relação a disciplina de Projetos de Vida na escola, muito embora no questionário google forms direcionado aos alunos, haja certa discrepância nas respostas em relação ao que relataram nas entrevistas, em torno de 40% dos alunos que responderam o questionário google forms, classificaram a disciplina de Projetos de vida como “aceitável”.

Em razão de ter havido pouca participação nos questionários do google forms que ao todo tiveram 22 respostas somente, não se pode depreender um resultado definitivo para

efeito de dados qualitativos, mas é interessante notar que o percentual de estudantes que de fato considera a disciplina muito importante é o mais baixo. Outro dado interessante é sobre a visão dos alunos em relação a existência de um diálogo entre a disciplina de projetos de vida e seus próprios propósitos. Nas entrevistas os alunos alegaram que não há um diálogo tão claro entre aquilo que eles pensam para seu futuro e o que a disciplina em si propõe, embora alguns reconheçam que ela possa auxiliar a dar um direcionamento para a vida.

Faz, faz e muito. Tanto que tem uns colegas meus em sala de aula que eles disseram que até então não sabiam, sabe, eles não sabem ainda o que vão ser essas coisas, e através do Projeto de Vida eles estão se descobrindo, eles estão sabendo que vão fazer a partir de hoje, sabe? (estudante Bruna, 2023)

Os professores(as) têm opiniões divididas quanto ao sentido da disciplina projetos de vida, alegando que ela tem uma certa importância mas pode não fazer muito sentido, ou nem um sentido dependendo de quem trabalhe com a disciplina:

Tu acha que um adolescente com 14 anos tem um projeto de vida? Eles não sabem nem o que eles querem comer depois que sair daqui [...] algumas informações a respeito daquela possível profissão que ele tem em mente. Até depois, ele pode descobrir que não é bem assim o que ele quer fazer. Tá. Mundo do trabalho (Professor Estuart, 2022)

Os (as)estudantes que participaram da pesquisa, reconhecem que talvez o intuito da disciplina seja o de dar a eles(as) algum tipo de direcionamento, no entanto ainda na percepção deles isso ainda é vago e confuso, quando questionados sobre a importância que atribuem a disciplina, o maior percentual dentre os que responderam o questionário google forms, indicam que a consideram mais ou menos importante. A

Em relação às aulas da disciplina, os professores relatam que não têm muito claro o que trabalhar e por vezes há improvisos e adaptações que tornam as aulas um pouco repetitivas, eles tentam elaborar dinâmicas, nenhum utiliza o livro didático de fato.

Não, e quando eu comecei a trabalhar com essa disciplina, eu não sabia o que era o projeto de vida, a gente não teve um curso preparatório para isso, o que aconteceu? Eu tive que ir atrás da internet e pesquisar o que é o projeto de vida, ganhei um livro [...] mas que pra mim era um livro muito semelhante à história. Então eu não via diferenças, pra eu conseguir puxar e dar seguimento pra um lado. E aí acabou que [...] Revolução Industrial, Leis Trabalhistas, tudo é história. E aí acabou que eu comecei a criar na minha cabeça uma ideia de como eu ia aplicar. E deu certo porque eu consegui entender hoje melhor o que é o projeto de vida e eu percebi que eu estava seguindo certo, mais ou menos, encaminhá-los para o futuro. É uma pretensão para o futuro, o projeto de vida. E tu usa da história pra eles entenderem a importância de conhecer as leis, de conhecer os direitos, de conhecer os deveres (Professora Tabata, 2023)

Um professor disse que no ensino fundamental, trabalha mais com dinâmicas e coisas que trabalham com a autoestima dos estudantes e sua percepção. no oitavo e no nono também trabalham esses temas, mas já estimulando mais os elementos críticos. No ensino médio, um dos professores disse que tenta trabalhar a intervenção dos estudantes, ou seja, trabalhos de campo, proporcionando que os estudantes intervenham na realidade de algum modo.

Há uma queixa por parte dos professores(as) de que não há uma linha de conteúdo seguida por eles, cada um faz do seu jeito, embora a BNCC estipule o que se deve aprender mas de forma muito vaga.

Falando em questões como protagonismo do aluno, é dividido em três pilares que são: Social, Pessoal e profissional. “nem em Geografia, por exemplo. Em Geografia eu entro no site da SEDUC e tem tudo ali. A matriz, eu tenho que ensinar isso, ensinou isso. Para o ano eu ensino isso, outro ano ensino isso. No primeiro trimestre eu ensino esse conteúdo, no segundo trimestre eu ensino esse conteúdo. Em mundo do trabalho isso não é só em mundo do trabalho. Acontece em cultura digital e também acontece em projetos de vida. Projetos de vida ainda tem alguma coisinha, mas mesmo assim é muito escasso, muito pouco conteúdo (Professor Julio, 2023)

Talvez essa seja a maior dificuldade dos professores(as), que currículo praticar em disciplinas que lhes parecem confusas e para os alunos mais ainda, tendo em vista que são disciplinas cujas quais não há uma direção muito clara e com outros itinerários ocorre algo semelhante, fora o fato de que há casos em que os professores(as) designados para trabalharem com determinadas áreas, possuem uma formação de origem que nada tem a ver com a disciplina que estão lecionando, não chega a ser o caso dos professores entrevistados que, pelo menos, tinham uma formação nas humanas.

E ao mesmo tempo, muita coisa dessas, que eles dão, que daria pra trabalhar de forma inteligente, por exemplo, na verdade tu acaba trabalhando de uma forma mais [...] superficial e por alguém que não necessariamente tem qualificação na área teórica. Tipo assim: [...] Cheguei no início do ano e me deram o projeto de vida. Vai! [...] Me jogaram para dentro da sala, me deram 3 turmas de primeiro ano, durante o projeto de vida no 1º ano no médio, mais 3 no fundamental e sem treinamento nenhum. teve uns videozinho, umas coisinhas, mas para trabalhar mesmo, foi muito apenado, [...] Então, fica uma coisa vazia, eu acabo desviando muita coisa por um viés da antropologia, para trabalhar questões, por exemplo, como cidadania, né? Mas aí, coisa da ciência política para trabalhar algumas questões, por exemplo, como [...] ah, e algumas coisinhas como convença, ou seja, assim, que tá ali dentro do currículo. Eu acabo pegando questões ali de relativismo cultural e [...] e etc. Mas é por aí. Eu dou aula para 102, 103 e 104. Tem a 101 e tem a 107. Essas duas disciplinas são dadas por pessoas diferentes. Cada uma [...] as minhas três eu dou do mesmo jeito. [...] Ainda a gente não tem tempo para te sentar de colega e fazer um planejamento conjunto. Então o que acaba acontecendo? Na minha perspectiva, reforma sem diálogo primeiro, socada goela abaixo e sem investimento é um godó, só para inglês vê. eu comecei [...] Eles deram os livros didáticos pra gente. Os livros didáticos são uma coisa meio ridícula. Não sei se chegaste a ver algum. Eles são

uma pegada meio coach, assim, sabe? Uma coisa meio felicidade, um pensamento positivo, umas coisinhas assim, sabe? Aí eu comecei a trabalhar com eles no primeiro mês, acho que no primeiro mês, e eles estavam odiando tanto quanto eu (Professor Estuart, 2022)

Em termos gerais os professores entrevistados alegam terem dificuldades e até um sentimento de frustração em relação ao seu papel nessa disciplina uma vez que não sabem muito bem , exatamente o quê e como trabalhar? Em se tratando dos novos itinerários, havendo improvisos que hora funciona , hora não funcionam, ainda existe o fator das trilhas que vigoram a partir da 2º série do ensino médio , as trilhas são: Sustentabilidade e Qualidade de Vida. Esta composta de itinerários como Biodiversidade e Instituições Sustentáveis, Impactos Sociais e Socioambientais e Noções de Legislação Ambiental, a outra trilha Educação Financeira e Desenvolvimento Sustentável, conta com itinerários como a Industrialização e o Custo Ambiental, Estatística Básica e Matemática Financeira.

Os alunos votam ainda durante a 1º série do ensino médio, passando a cursar esses itinerários formativos no segundo paralelo às demais disciplinas, na prática nem sequer há professores(as) para alguns desses itinerários como por exemplo a disciplina de impactos sociais e socioambientais, na sala dos professores os comentários são de um “empurra empurra” ninguém quer pegar a disciplina. No entanto o foco da pesquisa por se tratar da disciplina de Projetos de vida embora também tenha como objetivo investigar as percepções dos estudantes sobre a implementação do novo ensino médio, eu não me aprofundi nesses aspectos relacionados às disciplinas implementadas com as trilhas, pois seria inviável em função do tempo e pouca disponibilidade de participação dos entrevistados no momento da realização do trabalho de campo.

4 A problemática do novo currículo para docentes e discentes.

Em suma se depreende que muitas das críticas feitas ao novo ensino médio em relação a seus novos itinerários se apresentam nas falas dos entrevistados: desorganização, dificuldades dos docentes em relação a didática e os meios disponíveis em termos estruturais, a pouca importância atribuída às novas disciplinas como Projetos de Vida, Mundo do Trabalho e Inclusão Digital, parcialmente uma insatisfação dos alunos (as) com certas demandas e expectativas que na prática, não enxergam sendo contempladas da forma como esperavam. Se apresentam em muitos dos relatos feitos pelos professores entrevistados, uma

certa insatisfação e até frustração em relação ao trabalho que estão executando por conta de não saber o quê ensinar exatamente.

É importante frisar que a reforma foi implementada por meio de uma medida provisória MP (nº746/2016), assim sendo, logo ela desconsiderou anos de debates acumulados em torno do Projeto de Lei n. 4.680/2013, que lá atrás já propunha a reformulação do ensino médio.

Conforme Fernando Cássio e Débora Cristina Goulart (2021), A reforma camuflou o caráter regressivo contido nela, e com a propaganda sobre o novo ensino médio, está carregada de argumentações em defesa da adequação do ensino aos novos tempos e ao mercado de trabalho, bem como argumentos que culpabilizam as escolas públicas e os seus profissionais por um novo fenômeno social complexo, que são os estudantes egressos do ensino médio que não ingressam no ensino superior e nem alcançam uma colocação no mercado de trabalho., forjou um suposto consenso social sobre a urgência e necessidade da implementação do novo modelo de ensino médio.

Fernando Cássio e Débora Cristina Goulart (2021), Apesar da implementação do novo ensino médio em cada Estado, existe uma série de características negativas comuns em diferentes Estados da Federação: a primeira delas é a limitação da participação de sujeitos e comunidades escolares na elaboração dos conteúdos substantivos do Novo Ensino Médio (regras de funcionamento, currículo oficial, orientações pedagógicas, entre outros), também com relação às tomadas de decisão sobre a oferta dos itinerários formativos nas escolas – todos esses problemas contrariam as promessas de protagonismo e livre escolha que deram o tom dos discursos em prol da reforma do ensino médio.

A segunda característica comum conforme aponta Fernando Cássio e Débora Cristina Goulart (2021), é a presença de atores privados, principalmente fundações e institutos empresariais (coligados ou individualmente) em todas as fases da implementação do Novo Ensino Médio, seja assessorando as secretarias estaduais de educação por meio do Conselho Nacional de Secretários de Educação – Consed, seja trabalhando diretamente com as redes estaduais na formação de equipes e na produção de apostilas e materiais didáticos.

O terceiro fator problema que tem sido comum na implementação do Novo Ensino Médio são as desigualdades aprofundadas entre as escolas que atendem os estudantes mais

pobres, que passam por um esvaziamento curricular muito mais profundo em relação as escolas que atendem aos estudantes mais privilegiados. Há falta de estrutura, professore(as) e políticas de permanência estudantil que possam assegurar aos jovens trabalhadores(as), frequentar as tão faladas escolas de tempo integral.

Fernando Cássio e Débora Cristina Goulart (2021) Ressaltam também que, as discussões em torno do novo currículo, estas realizadas por meio de plataformas *online*, seminários, audiências públicas, consultas, *lives* ou combinações desses elementos, esses mecanismos de participação associados ao Novo Ensino Médio nas redes estaduais são sempre restritos, pré-direcionados, pouco representativos e superficiais do ponto de vista do debate sobre o currículo e da reflexão sobre as trajetórias juvenis.

Segundo Fernando Cássio e Débora Cristina Goulart (2021) Esses mecanismos terminam servindo a gestores/as de plantão com o propósito de legitimar decisões que não são respaldadas pelas comunidades escolares e para suprimir as críticas ao Novo ensino Médio, estas provenientes de escolas públicas, sindicatos e movimentos em defesa da educação vinculados ao campo popular.

Fernando Cássio e Débora Cristina Goulart(2021) Ainda afirma que no caso específico das escolas privadas, a reforma no ensino médio não causou o mesmo impacto negativo que trouxe as escolas públicas, uma vez que nenhum conteúdo escolar foi sacrificado, para dar lugar a outras disciplinas ou cursos profissionalizantes de curta duração sob a justificativa de aumentar a ‘liberdade de escolha’ dos/as estudantes. Cabe ressaltar que no caso das escolas privadas, a falta de “liberdade” para a realização daquilo que são os projetos de vida nunca esteve em questão. Vide o perfil socioeconômico médio das crianças e adolescentes que frequentam escolas de idiomas, fazem intercâmbios, conservatórios musicais e aulas de dança no contraturno escolar etc.

Com relação aos conteúdos propostos por itinerários como projetos de vida na escola, Mundo do Trabalho e Inclusão Digital, penso que estes poderiam ser contemplados dentro da grade curricular conforme o ensino médio já estava proposto antes da implementação da reforma.

Um professor(a) de sociologia, pode muito bem dentro de um período de aula de sociologia, abordar um tema relacionado com os Projetos de vida ou mundo do trabalho, falar da sociologia do trabalho, da precarização dos empregos e de como os jovens pretendem encarar o futuro que imprevisível, o mesmo cabe para História e Geografia, estas também poderiam abordar as temáticas que competem a disciplina de Mundo do Trabalho ou Projetos de vida, não havendo assim, a necessidade de desintegrar o currículo suprimindo disciplinas como Filosofia, História, Artes, Sociologia, Educação Física, para em seu lugar, dar espaço a disciplinas sem conteúdo e muitas vezes com uma temática confusa e vaga tanto para os próprios profissionais da educação bem como para os estudantes.

Cabe ressaltar também que com a redução de carga horária em algumas disciplinas como Sociologia, História, Filosofia, Artes etc, também se tem o problema da redução de oportunidades de inserção profissional dos professores (as) que são formados (as) em áreas de conhecimento que perderam espaço no currículo. Isso pode causar um certo receio e um desestímulo aos estudantes universitários que pretendam seguir a carreira na educação básica, também se constata o problema relacionado as trilhas, uma vez que na prática cada escola propõe de forma distinta conforme a demanda, não havendo um padrão, cada escola propõe de um jeito. conforme Alves (2023) explica em seu texto sobre as dez razões para revogar o novo ensino médio, as escolas acabam nem sempre contemplando exatamente o que os alunos gostariam, mas sim aquilo que a escola apresenta, como no caso da escola na qual fiz a pesquisa, que propõe as trilhas: Sustentabilidade e Qualidade de Vida.

Esta composta de itinerários como Biodiversidade e Instituições Sustentáveis, Impactos Sociais e Socioambientais e Noções de Legislação Ambiental, a outra trilha Educação Financeira e Desenvolvimento Sustentável, conta com itinerários como a Industrialização e o Custo Ambiental, Estatística Básica e Matemática Financeira. Um professor entrevistado comentou que no ano passado os alunos do segundo ano estavam se queixando, pois nem todos votaram e a trilha escolhida pela maioria foi Educação Financeira e Desenvolvimento Sustentável e muitos não gostaram das disciplinas que estavam sendo ministradas como por exemplo a estatística básica.

Outro problema, é o fato de que os saberes das humanidades que além de serem cruciais para a formação do cidadão, também são importantes no âmbito dos vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio, e com a inserção de novas disciplinas que ganharam

espaço em detrimento da redução de disciplinas como geografia, história, sociologia, filosofia, literatura artes etc, os alunos que chegam à 3ª série do ensino médio, chegam com uma defasagem no aprendizado. Em contrapartida, em escolas da rede privada, existe maior possibilidade dos estudantes estarem tendo algum reforço complementar em turno inverso fora os cursinhos pré vestibulares que também são uma possibilidade com a qual muitos estudantes da rede pública não dispõe, isso só aprofunda o abismo existente entre as escolas públicas e privadas, acentuando ainda mais as desigualdades já tão profundas na sociedade brasileira.

Outra questão que cabe ressaltar é que o ensino médio não pode estar sendo modificado de quatro em quatro anos em decorrência de disputas políticas e ideológicas, ainda que o currículo seja um campo de disputa. Com efeito, se faz necessário um maior diálogo com o corpo docente e discente mesmo que não se chegue a um modelo definitivo, pois sempre é possível o surgimento de novas práticas criativas e inovadoras.

5 Considerações Finais

Este trabalho trouxe uma pequena análise centrada no bojo da reestruturação curricular e a relação dos docentes e discentes com a mesma, especialmente com as novas disciplinas como Projetos de vida. Com tudo, não se pode a partir deste estudo traçar um diagnóstico definitivo, considerando tantas nuances envolvidas nas interações juvenis com a escola e os novos itinerários.

Todavia, no que tange aos projetos de vida, conforme já apontado em outros trabalhos sobre juventudes e escolarização, vê-se que em linhas gerais, os estudantes têm pretensões de ingressar no ensino superior, conforme já apontado por Geraldo, Dayrell, Batista (2009) em um de seus estudos, em linhas gerais os jovens tem como projeto a continuidade dos estudos almejando o ingresso no ensino superior, o que aparece também nesse trabalho que realizei.

A melhora de vida para se ter um futuro, é basicamente uma das metas dos estudantes, embora esta seja permeada por um horizonte de incertezas. Com relação a interação discente com a disciplina de Projetos de vida e sua correlação com metas futuras, se tratando das percepções estudantis, há uma certa ambiguidade.

Entende-se que a disciplina em tese pode auxiliar a pensar sobre o futuro e o que os estudantes desejam fazer, ao mesmo tempo se questiona a real necessidade da existência da disciplina. Os docentes carecem de uma formação para os novos itinerários conforme já

abordado ao longo do trabalho. Cabe ressaltar que a pesquisa realizada a despeito do novo ensino médio e a disciplina projetos de vida, em razão de limitações de tempo, centrou-se somente em uma escola pública estadual, localizada em uma região central e privilegiada.

Poder-se-ia, realizar outras análises contemplando recortes como de gênero, etnia e classe social dos estudantes. Certamente isso nos ajudaria a pensar outras respostas, ou ir além, fazer um estudo comparativo abrangendo escolas públicas e privadas sob a mesma ótica da implementação do novo ensino médio, e a interação dos docentes e discentes com a disciplina de projetos de vida.

Esta pesquisa, nos trouxe um pequeno panorama dos problemas que a implementação de novas disciplinas como projetos de vida, acarretam tanto para docentes quanto para discentes. Efetuar uma reestruturação curricular não é algo tão simples, ainda mais quando a mesma é feita à revelia dos próprios atores da educação, docentes e discentes. Uma reforma sem um diálogo claro e permeada por interesses políticos e disputas ideológicas, sem levar em consideração os afetados, não traz inovação, nem repara as desigualdades, tampouco prepara as juventudes para o futuro, ainda mais quando este é permeado por incertezas.

Embora este estudo tenha sido dirigido somente a uma escola, e alcançado uma pequena parcela de estudantes e professores (as), em suma o trabalho nos mostra que, há mais pontos negativos que positivos no que tange a implementação do novo ensino médio e sobretudo as novas disciplinas como projetos de vida, nas percepções dos docentes e discentes.

6 Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam, Juventude, violência e vulnerabilidade social na América latina: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002. Disponível em <http://www.livrosgratis.com.br/ue000077.pdf>. Acesso em 03/09/2033

BOUTINET, J.P. Antropologia do Projeto, Instituto PIAGET, 1990

BRANDÃO, Carlos R. A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003

CNE, Diretrizes Curriculares do Ensino Médio, Brasília: MEC,2011.

DAMON, Willian O que o Jovem quer da Vida? Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2008.

DAYRELL, Juarez. A Escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2001. P. 136-161.

DAYRELL, Juarez. CARRANO, Paulo, MAIA, Linhares M. Juventude e ensino médio: Sujeitos e currículo em dialogo – Belo Horizonte . Editora UFMG, 2014 339 p.

DAYRELL, Juarez. MOREIRA, Costa Ignez, STENGEL Márcia. Juventudes Contemporâneas: Um mosaico de possibilidades – Belo Horizonte. 2011

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes. Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

DEWEY, John. Experiência e educação. Tradução de Anísio Teixeira. 2ª ed São Paulo: Ed. Nacional , 1976. v.131.

DEWEY, John. por Robert B. Westbrook e Anísio Teixeira DEMOCRACIA E EDUCAÇÃO INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO 4ª edição Companhia editora nacional. 1979

DEWEY, John_PODE A EDUCAÇÃO PARTICIPAR DA RECONSTRUÇÃO SOCIAL. *Currículo sem Fronteiras*, v.1, n.2, pp. 189-193, Jul/Dez 2001

DUBET, F. (2004) O que é uma escola justa? *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez.

EZPELETA, Justa & ROCKWELL .Pesquisa participante. SP: Cortez Ed., 1986.

FERRETTI, Celso. A reforma do ensino médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 25-42,

FERNANDO, Cássio e GOULART, Débora Cristina A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: *das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem*. 2021.

GRAMSCI, Antonio, Os Intelectuais e a Organização da Cultura. 4^o edição Civilização Brasileiro 1982.

PAULO FREIRE-Educação-como-Prática-da-Liberdade_1967

TEIXEIRA, Anísio. Pequena Introdução À Filosofia Da Educação. Dp&A Editora; 1^a edição (1 janeiro 2000)

Texto.<https://jornalistaslivres.org/dez-razoes-para-entender-por-que-e-necessario-revogar-o-novo-ensino-medio/> Professor José Alves Acesso 26/08/2023

MACHADO, Nilson J. Educação: Projetos e Valores, 2006.

MORAES, Alexandre de. Direito constitucional. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SILVA, Mônica Ribeiro. e ARAUJO, Ronaldo Marcos L. EDUCAÇÃO NA CONTRAMÃO DA DEMOCRACIA – A REFORMA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL. Revista Trabalho Necessário V.19, nº 39, 2021 (maio-agosto)

SILVEIRA, Éder S. SILVA, Mônica Ribeiro. e OLIVEIRA, Falconiere Leone Bezerra REFORMAS, DOCÊNCIA E VIOLÊNCIA CURRICULAR: UMA ANÁLISE A PARTIR DO “NOVO ENSINO MÉDIO”. 2021.

SILVA, M. Ribeiro e SCHEIBE Leda. Reforma do ensino médio Pragmatismo e lógica mercantil. 2021.

KLEIN, Ana Maria. Projetos de Vida e Escola: a percepção de estudantes do ensino médio sobre a contribuição das experiências escolares aos seus projetos de vida. 2011. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

KLEIN. Ana Maria (2006). Escola e Democracia: um estudo sobre a representação de alunos e alunas do Ensino Médio. Dissertação de Mestrado. FEUSP.

7 Anexo**Roteiro da entrevista com os professores**

Idade: Sexo: () Masculino () Feminino () Outro: Qual _____

Religião: _____ Tempo de docência: _____

Tempo trabalha nessa escola: _____

Área de formação: _____

1.

IDENTIDADE

1. Qual seu nome? (opcional) Mário/Maria (Fictício)
2. Conte-me um pouco de sua história. (trajetória escolar, vida familiar, porque se tornou professor/a)

2. O “NOVO” ENSINO MÉDIO

1. Qual sua opinião sobre o novo ensino médio? Quais as coisas boas? O que você não concorda?
2. Como tem sido sua atuação como docente a partir do novo ensino médio?

3. PROJETOS DE VIDA

1. Desde _____ quando você trabalha com a disciplina Projetos de vida na escola? Foi você que pediu para atuar nela ou alguém lhe indicou?
2. Que currículo (conteúdo) você pratica com os estudantes? Como é teu planejamento nesta disciplina? O que tu propões de atividades para os alunos?
3. Como você se sente ao trabalhar com esta disciplina? Por que razões?

4. Acha que para trabalhar com a disciplina Projetos de vida, caberia alguma formação complementar para os professores? Se sim, qual? Se não, por quê?
5. Se você pudesse mudar sua aula, o que você faria de diferente? (Há recursos, didática, metodologia, conteúdos, dinâmicas que você gostaria de utilizar e que não usa?)
6. Na sua opinião, como é percebida esta disciplina pelo conjunto das professoras? (Importância, necessidade, recepção na escola, críticas...)
7. Há alguma interação com outras áreas do conhecimento, ou mesmo disciplina, no curso das aulas? (atividades interdisciplinares)
8. Em sua opinião, em que medida a disciplina projetos de vida dialoga com os projetos de vida dos jovens dessa escola?

Roteiro de entrevista com os estudantes

Qual seu nome? (Desnecessário) Idade: _____

Qual a série/ano você estuda?

Qual a profissão/emprego/ocupação de seus pais? Mãe: _____

Pai: _____

Qual a formação de seus pais (até que ano estudaram)? Mãe: _____

Pai: _____

Você trabalha/estágio? () sim () não Onde: _____ Quantas horas/dia:

IDENTIDADE

Conte-me um pouco de sua história. (trajetória escolar, vida familiar)

Ensino Médio

Quais são seus objetivos após terminar o ensino médio? Onde você se vê? Quais seus planos para o futuro?

Se você pudesse mudar algo na escola, o que você mudaria? E por quê?

De suas experiências escolares o que mais lhe marcou até hoje? (positivas e negativas)

Projetos de vida:

Descreva como são as aulas da disciplina de projetos de vida na escola.

Como você percebe a atuação da professora desta disciplina? Ela demonstra tranquilidade e domínio dos temas que aborda?

O que esta disciplina tem de interessante? O que você não gosta?

Você acha que ela auxilia na construção dos projetos de vida dos jovens? No que ela dialoga com seu projeto de futuro?

Que dificuldades você enfrenta para materializar estes sonhos?

O que você pensa que favorece alcançar estes sonhos? (Situação ou pessoas)

Há algum outro comentário que gostaria de fazer?